

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

CLAUDIVINO GOMES DA SILVA

**A MISERICÓRDIA DIVINA NA CARTA ENCÍCLICA *DIVES IN*
*MISERICORDIA***

ANÁPOLIS – GO
2017

CLAUDIVINO GOMES DA SILVA

**A MISERICÓRDIA DIVINA NA CARTA ENCÍCLICA *DIVES IN
MISERICORDIA***

Trabalho de Conclusão para obtenção do diploma
de Graduação em Bacharelado em Teologia da
Faculdade Católica de Anápolis.

Orientador: Frei Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

**ANÁPOLIS – GO
2017**

FOLHA DE APROVAÇÃO

CLAUDIVINO GOMES DA SILVA

A MISERICÓRDIA DIVINA NA CARTA ENCÍCLICA *DIVES IN MISERICORDIA*

Trabalho de Conclusão do Curso de bacharel em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis. Apresentado em 20 de novembro de 2017 e aprovado com nota ____.

BANCA EXAMINADORA

Profº

Profº

Profº

Dedico este trabalho a Deus por estar comigo todos os momentos, iluminando-me para poder traçar estes escritos, por isso tendo feito em meu favor e das pessoas da minha família, esposa, filho, neto, nora, meus pais e minhas irmãs. Aos meus amigos de curso pela experiência que obtivemos durante estes três anos compartilhando e aprendendo juntos.

Não esquecendo a estimada paróquia Santíssima Trindade que pertence a esta maravilhosa diocese de Anápolis, dando-nos todo apoio necessário para concluirmos nossos estudos.

AGRADECIMENTO

À Deus por ter dado saúde e força para
superar as dificuldades.

À minha esposa por ter dado força na
caminhada profissional, ajudando nas horas
mais difíceis.

Ao meu filho, André, pela alegria
proporcionada à nossa família com as
graças de Deus.

A minha nora, Alciene, por fazer parte da
nossa família.

Ao meu neto, Davi, por representar-nos um
futuro melhor.

Aos meus pais, que com seus
ensinamentos proporcionaram
especialmente o Dom da Fé.

As minhas irmãs, Rosângela, Rosimeire,
Rosana, e aos demais familiares pela
presença e amizade que fazem parte da
minha vida.

Ao Bispo Dom João Willk, padre Reginaldo
da Paróquia Santíssima Trindade, pela sua
amizade e apoio constante, estimulando-me
na busca do conhecimento.

Ao professor, Dr. Flavio Nolêto, orientador
desta pesquisa, por seu conhecimento e
ajuda na realização deste trabalho.

Aos professores, Pe França, Tobias
Goulão, Pe Paulus, Pe Fidellis, Pe Rogerio,
Pe Fábio Barboza, Pe Fábio Carlos, Pe
Andreas, Pe. Luis Lode, Ednaldo, Alice e
Cinara.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. A MISERICÓRDIA SEGUNDO A CRIAÇÃO, SOB O PONTO DE VISTA DE <i>DIVES IN MISERICÓRDIA</i>	07
1.1 SÃO JOÃO PAULO II E SUA RELAÇÃO COM A DIVINA MISERICÓRDIA	08
1.2 A MISERICÓRDIA NA CRIAÇÃO, SOB O PONTO DE VISTA DE <i>DIVES IN MISERICÓRDIA</i>	10
2. A MISERICÓRDIA NA PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO NA VISÃO DE JOÃO PAULO II	13
2.1 JESUS E O USO DE PARÁBOLAS	13
2.2 A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO À LUZ DE SÃO JÕAO PAULO II.....	14
3. OS CAMINHOS PARA SE VIVER A MISERICÓRDIA DE DEUS SEGUNDO <i>DIVES IN MISERICÓRDIA</i>	19
3.1 SEDE MISERICORDIOSO	19
3.2 APROFUNDAR NO MISTÉRIO PASCAL	20
3.3 CRER NO CRUCIFICADO	21
3.4 SACRAMENTO DA EUCARISTIA	22
3.5 SACRAMENTO DA PENITÊNCIA	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Com este trabalho pleiteou-se analisar os meios que o Papa São João Paulo II utiliza para ajudar a Igreja a viver a misericórdia, estudando-a desde a criação, identificando a misericórdia na parábola do filho pródigo, constantes na Encíclica *Dives in Misericordia*.

Devido a perca da vivência da misericórdia nos dias atuais, pelas transformações da sociedade moderna, Cristo nos chama à conversão através da Irmã Faustina, descrito em seu livro 'Diário' e no grande exemplo vivenciado e deixado para a humanidade através da vida e obra de São João Paulo II.

Este estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica, tendo como fonte principal a Encíclica acima citada, a Bíblia Sagrada, Catecismo da Igreja Católica, Concílio de Trento, bem como em artigos, livros, cartas e encíclicas.

No primeiro capítulo fez-se um estudo sobre a misericórdia segundo o Antigo Testamento, bem como um breve histórico sobre a formação do termo misericórdia, buscando esclarecer sua origem, significado e intensidade. Tratou-se ainda da relação de São João Paulo II com a Divina Misericórdia e finalmente apresenta um estudo sobre a misericórdia constante em *Dives in Misericordia*.

No segundo capítulo desvendou-se a relevância de se fazer uso de parábolas por Jesus Cristo e a misericórdia divina presente na parábola do filho pródigo. Parábola em que o pai sofre as dores de ver seu filho pegar sua futura herança e partir, sem demonstrar para com este nenhuma obrigação, magoando profundamente o pai, no entanto quando o filho retorna o pai lhe recebe com misericórdia.

O terceiro capítulo trata dos caminhos que o homem deve percorrer para se ter a misericórdia, constante na encíclica *Dives in Misericordia* de São João Paulo II, este que foi um dos maiores divulgadores e praticante da misericórdia, deixando um grande exemplo à humanidade.

Com este estudo espera-se auxiliar as pessoas na busca da misericórdia divina, pois este é o maior bem disponível à humanidade, mas que esta, em sua cegueira na busca de prazer, felicidade, futilidades e envolta em seu egoísmo não consegue percebê-la e muito menos desfrutar de sua grandeza.

1. A MISERICÓRDIA SEGUNDO A CRIAÇÃO, SOB O PONTO DE VISTA DE *DIVES IN MISERICÓRDIA*.

A palavra brasileira Misericórdia é proveniente do latim, sendo formada pela junção de *miserere* (ter compaixão) e *cordis* (coração). Consiste na capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente, aproximar seus sentimentos dos sentimentos do outro, ser solidário com o próximo.

Na bíblia o termo misericórdia tem suas raízes no hebraico e no grego. Este presente no Novo Testamento corresponde a *eleos* que é traduzido como piedade, compaixão e misericórdia. Em hebraico tem-se *rahamin* que provém de *eleos* e significa amor ou fidelidade do amor (MAÇANEIRO, 2008). Portanto, as palavras amor, compaixão, piedade e fidelidade estão inter-relacionadas com misericórdia, podendo ser considerados seus sinônimos.

Neotti (2017, p. 1) afirma que para Santo Agostinho “O campo da misericórdia é tão grande quanto o da miséria humana; por isso a misericórdia é a compaixão pela miséria alheia” e que Santo Antônio a define como:

A misericórdia do Senhor purifica a alma dos vícios, enche-a da riqueza dos carismas, cumula-a com as delícias celestiais. A primeira mortifica o coração contrito. A segunda suaviza-o para o amor. A terceira com a esperança dos bens supernos, inunda o coração com uma espécie de celeste orvalho. E isto é óbvio pela tríplice interpretação da palavra misericórdia. De fato, misericórdia quer dizer o que dá o coração miserável e isto convém à primeira misericórdia. Igualmente misericórdia significa aquele que depõe o rigor do coração e isto convém à segunda. Em terceiro lugar, misericórdia traduz-se por uma espécie de suavidade admirável que inunda o coração e isto convém à terceira (NEOTTI, 2017, p. 1).

Deste modo, ter misericórdia consiste em sair de seu mundo e atuar em prol de outrem, especialmente pelos mais pobres e injustiçados, no entanto, Deus em sua grandeza e amor é a misericórdia em si, como pode ser observado na carta do Apóstolo Paulo aos Efésios:

Mas Deus que é rico em misericórdia, por causa de seu grande amor com que nos amou, quando ainda estávamos mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntos, e nos fez assentar nos lugares celestiais com Cristo Jesus, para que nos séculos vindouros Ele possa mostrar a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco em Cristo Jesus (Ef 2, 4-6).

Assim, o amor infinito de Deus é envolto em ternura, compaixão e perdão. Ele se põe ao encontro do homem em suas necessidades, ainda que este não esteja com a alma corrompida pelo arrependimento, ou mesmo que não acredite em Deus, mesmo assim, Deus se solidariza com seu sofrimento e o convoca à conversão.

Portanto, o homem deve experimentar a misericórdia divina e utilizar de sua experiência para ser também misericordioso com as outras pessoas. Como afirma São João Paulo II:

Cristo ensinou que o homem não só recebe e experimenta a misericórdia de Deus, mas é também chamado a ter misericórdia para com os demais. 'Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia' (Mt 5, 7) (DM, 14).

Em outros termos, a palavra misericórdia deriva da dor que se sente pelo miserável de coração. Quando o seu coração é tocado e atingido pela miséria dos outros, então isso é misericórdia.

São João Paulo II, conhecedor da misericórdia divina passou todo o seu papado divulgando através de seus gestos, atos, pronunciamentos e textos a importância de se buscar e ter confiança na misericórdia. O próprio Jesus disse para a Irmã Faustina: "A humanidade não encontrará paz, enquanto não se voltar com confiança para a misericórdia divina" (Ir. FAUSTINA, 2001, p. 92).

1.1 SÃO JOÃO PAULO II E SUA RELAÇÃO COM A DIVINA MISERICÓRDIA

São João Paulo II, dois anos após ser eleito Papa, publicou em 1980 a Encíclica *Dives in Misericórdia*. Deus, rico em misericórdia. Durante todo o seu papado a dedicação à misericórdia divina selou seu caminho, transformando-o num dos líderes mais influentes do século vinte. O seu contato com a divina Misericórdia, remonta da sua juventude quando estudava no seminário clandestino de Cracóvia e, durante a Segunda Guerra Mundial, frequentava a Capela das Irmãs da Divina Misericórdia onde se encontrava a imagem de Jesus Misericordioso.

Em sua última visita à Polônia para consagração do Santuário da Santa Misericórdia ele revelou que muitas de suas lembranças pessoais se relacionavam àquele local. São João Paulo II, quando cardeal de Cracóvia, consumou o processo

elucidativo para a beatificação da Irmã Faustina. Ela pertencia à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia, sendo intitulada por Cristo como a secretária da Divina Misericórdia, pois registrou em um diário, nos seus últimos anos de vida, o conhecimento que lhes fora revelado por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Secretária do Meu mais profundo mistério, deves saber que estás em exclusiva intimidade Comigo. A tua tarefa é escrever tudo que te dou a conhecer sobre a Minha misericórdia para o proveito das almas, que lendo estes escritos experimentarão consolo na alma e terão coragem de se aproximar de Mim. E, por isso, desejo que dediques todos os momentos livres a escrever (Ir. FAUSTINA, 2001, p. 7).

Assim, ao montar o processo de beatificação de Irmã Faustina, São João Paulo II teve acesso ao seu diário, o que reforçou o seu agir em prol da misericórdia. Ele se tornou apóstolo da Misericórdia divina, a exemplo, de irmã Faustina. Tal fato pode ser comprovado através da saudação proferida a ela, no ato de sua beatificação:

Ó Faustina, quão maravilhoso foi o teu caminho! [...] É verdadeiramente maravilhoso o modo pelo qual a sua devoção a Jesus Misericordioso se difunde no mundo contemporâneo e conquista tantos corações humanos! (JOÃO PAULO II, *apud* RICARDO, 2015, p. 2).

Durante todo o seu pontificado o Papa João Paulo II não só pregou a Misericórdia divina como lhe demonstrou total confiança ao enfrentar os males presentes no mundo. Em 1981, no Santuário do Amor Misericordioso, em Roma, ele afirmou ser sua tarefa, ante Deus, de levar a mensagem da Misericórdia divina. Fato que o levou a instituir a festa da Misericórdia e o primeiro domingo após a páscoa como Domingo da Divina Misericórdia.

Em 2002, João Paulo II consagrou-lhe o mundo. Afirmou que a guerra causa sofrimento e morte de inocentes, nesses locais a graça da misericórdia é essencial para acalmar as mentes e os corações, trazendo a paz. Bem como, onde há ódio, vingança, desrespeito à dignidade humana e injustiça é necessário o amor misericordioso divino (MD, 2001). Em viagem apostólica do papa João Paulo II à Polónia, durante a homilia, ele faz o pronunciamento:

Por isso hoje, neste Santuário, desejo confiar solenemente o mundo à Misericórdia Divina. Faço-o com o desejo ardente de que a mensagem do amor misericordioso de Deus, aqui proclamado por intermédio de Santa

Faustina, chegue a todos os habitantes da terra e cumule os seus corações de esperança. Esta mensagem se difunda deste lugar em toda a nossa Pátria e no mundo. Oxalá se realize a firme promessa do Senhor Jesus: deve elevar-se deste lugar 'a centelha que preparará o mundo para a sua última vinda' (Ir. FAUSTINA, 1732). É preciso acender esta centelha da graça de Deus. É necessário transmitir ao mundo este fogo da misericórdia. Na misericórdia de Deus o mundo encontrará a paz, e o homem a felicidade! (JOÃO PAULO II, 2002, p. 4).

A vida e as obras de São João Paulo II são permeadas de mensagens do amor fidelíssimo de Deus. Ele estava convicto de que sem a misericórdia divina não é possível ao homem ter esperança. No entanto, desde o Antigo Testamento Deus a tem revelado ao homem, mas este não a compreende.

1.2 A MISERICÓRDIA NA CRIAÇÃO, SOB O PONTO DE VISTA DE *DIVES IN MISERICÓRDIA*

Quando Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança e os colocou acima de todas as coisas, foi o primeiro momento da demonstração de sua misericórdia. Outro momento é representado pela aliança que fez com o povo de Israel:

O Senhor desceu na nuvem e permaneceu com Moisés, e ele invocou o nome do Senhor. E o Senhor passava diante dele. E ele exclamou: O Senhor, o Senhor, Deus misericordioso e clemente, paciente, rico em bondade e fiel, que conserva a misericórdia por mil gerações e perdoa culpas, rebeldias e pecados, mas não deixa nada impune, castigando a culpa dos pais nos filhos e netos, até a terceira e quarta geração (Ex 34,5-7).

O primeiro efeito da misericórdia para o homem é a graça de se reconhecer filho de Deus, mas um filho que depende da piedade do Pai para caminhar em comunhão com Ele, reconhecendo-se necessitado do amor e do perdão para gozar do teu favor.

A piedade de Deus para com o povo de Israel é o fundamento da sua liberdade e segurança, pois através do seu amor para com o povo Ele os prepara para a vinda de seu Filho. Chama o povo à conversão “Deus ouve a intercessão de Moisés e aceita caminhar no meio de um povo infiel, manifestando assim seu amor” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 210).

O antigo testamento encoraja os homens desventurados, sobretudo os que estão oprimidos pelo pecado – como também todo o povo de Israel, que

tinha aderido à Aliança com Deus – a fazerem apelo à misericórdia e permite-lhes contar com ela [...]. [...] Em seguida dá graças e glória a Deus pela misericórdia (MD, 1980, p. 25-26).

São diversas as passagens bíblicas do Antigo Testamento que constam a palavra misericórdia, misericordioso e Pai de misericórdia. Ater-nos-emos, devido à extensão desde trabalho, apenas ao termo misericórdia e seus sinônimos. “Perdoai o pecado desse povo segundo a vossa grande misericórdia, como já o tendes feito desde o Egito até aqui” (Nm 14,19) deste modo, o homem pode experimentar o amor que é superior ao pecado.

Localiza-se termo misericórdia também em Genesis capítulo 43,29; Êxodo 20,6, e 33,19. Nestes Deus afirma que usará de misericórdia a quem seguir os mandamentos e usar, para com Ele, de misericórdia.

Outras passagens são encontradas no livro Deuterônomo, construído a partir dos sermões de Moisés a Israel antes da travessia do Jordão que são, na verdade, uma repetição da lei e os sacrifícios e bênçãos que o povo iria passar e que retratam a misericórdia divina. É possível citar ao menos cinco locais em que aparece tal termo, nos capítulos 5,10; 7,2; 7,9; 7,12 e no 13,17 onde se faz constar: “Não retenha a tua mão nada do que tiver sido votado ao interdito, para que o Senhor aplaque o ardor de sua cólera, e use de piedade e misericórdia para contigo, e te multiplique, como jurou a teus pais” (Dt 13, 17).

O sétimo livro do antigo Testamento da Bíblia Cristã, intitulado Juízes conta a história do povo infiel a Deus e são entregues nas mãos dos inimigos, mas o povo se redime e implora piedade, Deus lhes envia socorro através de juízes que os liberta. “Viram um homem que saía da cidade, e disseram-lhe: Mostra-nos por onde se pode entrar na cidade e usaremos de misericórdia contigo” (Jz 1, 24).

Como afirma o Santo Papa João Paulo II, em *Dives in Misericordia*, os Livros do Antigo Testamento contém inúmeros testemunhos da misericórdia de Deus. Ela está presente em várias passagens bíblicas nos livros de Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Jô e no livro dos Salmos que encerram os livros históricos. Este último é o mais extenso livro bíblico e contém diversos assuntos, como por exemplo, adoração, guerra, julgamento, a vinda do Messias, inclusive a Misericórdia divina, presente em mais de vinte Salmos. “Lembrai-vos, Senhor, de vossas misericórdias e de vossas bondades, que são eternas” (Sl 24,6). “Ó Deus,

relembremos a vossa misericórdia no interior de vosso templo” (Sl 47,10). Nos salmos Deus se faz conhecer e fala aos homens como se faz a amigos.

Somente no Antigo Testamento a Misericórdia de Deus é citada em várias dezenas de vezes, sem que se considerem os outros termos semelhantes como Pai de Misericórdia e misericordioso, ou seja, comprova-se que a misericórdia divina sempre esteve presente, desde a criação. O papa João Paulo II, na carta encíclica *Dives in misericórdia* afirma que o povo da Antiga Aliança tinha um histórico de experiência da misericórdia de Deus.

Logo, a misericórdia está presente na intimidade do povo de Israel, pois é fecunda em cada um dos livros do Antigo Testamento. A aclamação da misericórdia divina, em inúmeros termos, salienta a magnitude sublime da misericórdia.

Deste modo, herdamos do Antigo Testamento – como que numa síntese especial – não apenas a riqueza das expressões usadas por aqueles Livros para definir a misericórdia divina, mas também uma específica, obviamente antropomórfica, psicologia de Deus: a impressionante imagem do seu amor que, em contato com o mal e, em particular, com o pecado do homem e do povo, se manifesta como misericórdia (MD, 1980, p. 25).

Os profetas pregavam a misericórdia como uma especial potência do amor, que está acima do pecado e da infidelidade de seu povo, conforme mostra São João Paulo II em *Dives in Misericórdia*. Este tema é de tamanha relevância que o passar do tempo não tirou seu enigma e muito menos sua força e veracidade, no entanto, tal termo causa mal estar no homem, pois este tem que buscar a perfeição em si. Não resolve cair no pecado, pedir perdão e em seguida voltar a cometer o mesmo erro. É preciso aprofundar na palavra de Deus e colocá-las em prática.

Deus ama o ser humano incondicionalmente, mas Ele é justo. Não basta cumprir um mandamento, é necessário ser misericordioso para se ter a misericórdia divina.

2. A MISERICÓRDIA NA PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO NA VISÃO DE JOÃO PAULO II

Cristo em suas parábolas deixava claro que a principal consequência da misericórdia de Deus para o homem é a graça de se reconhecer filho de Dele, no entanto, o filho depende da misericórdia do pai para caminhar em comunhão com Ele.

2.1 JESUS E O USO DE PARÁBOLAS

Jesus Cristo usou recursos do Antigo Testamento que ensinava através de parábolas. A parábola consiste numa história curta, pode ser em prosa ou verso, utilizada para responder a um questionamento ou apresentar uma verdade. Tem como característica além da simplicidade, personagens humanos, cenário e enredo de fácil entendimento.

Cristo usara de parábolas, pois o homem ouvia, mas suas palavras eram como sementes jogadas em cascalho, não fluíam. Por isso, lhes falo por parábolas, dizia Ele:

Porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviu de mau grado com seus ouvidos e fechou seus olhos (Mt 13,13-15).

As parábolas são provocantes, envolventes, além de incluir fatos familiares, cenas da natureza ajuda o ouvinte a se identificar e compreendê-la imediatamente, pois a ela causa impacto na imaginação e nas emoções do receptor. Normalmente possuem uma verdade escondida, que provém da Escritura Sagrada e tem o objetivo de auxiliar na tomada de decisão, no entanto, o ouvinte tem que refletir sobre a história para desvendar seu segredo. Outro fator preponderante nas parábolas são seus finais que surpreendem, pois estes tem o objetivo de causar uma modificação de pensamento e/ou de ação.

Jesus tinha facilidade em transportar o indivíduo para o mundo da imaginação e fazê-lo perceber os pontos em que era preciso repensar e mudar. Ele, através das parábolas, apresenta Deus de um modo novo, como Pai de bondade,

amor e misericórdia como pode ser observado nas parábolas: O semeador e a semente, a ovelha perdida, a dracma perdida, figueira estéril, o rico e Lázaro, dois filhos, das bodas entre outras, porém ater-se-á este preito à parábola do filho pródigo. “Tudo isso disse Jesus por parábolas à multidão [...] para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta, que disse: Abrirei em parábolas a boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo” (Mt 13,34-35).

2.2 A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO À LUZ DE SÃO JOÃO PAULO II

A parábola do filho pródigo também é intitulada como a parábola da misericórdia ou do Pai misericordioso. Apesar de não ter em seu contexto a palavra misericórdia ela está profundamente permeada de misericórdia divina.

Na parte que antecede a parábola, Lucas introduz a história afirmando que “Aproximavam de Jesus os publicanos e os pecadores para ouvi-lo” (Lc 15, 1) de outro lado “os fariseus e os escribas murmuravam” (Lc 15, 2), Jesus quis aclarar apresentando uma parábola em que um pai tinha dois filhos, sendo que o filho mais velho representa os que se consideravam estar certo, e o filho caçula simbolizava os pecadores. A intenção de Jesus era fazer com que os justos e pecadores refletissem e aprendessem uma lição. Os justos eram os cumpridores da lei de Moisés, acreditavam que tinham direito à salvação e são eles que Jesus queria atingir, como resposta às suas murmurações: “Este homem recebe e come com pessoas de má vida” (Lc 15, 2). E Jesus disse ainda:

Um homem tinha dois filhos. O mais moço disse a seu pai: Meu pai, dá-me a parte da herança que me toca. O pai então repartiu entre eles os haveres. Poucos dias depois, ajuntando tudo o que lhe pertencia, partiu o filho mais moço para um país muito distante, e lá dissipou a sua fortuna, vivendo dissolutamente (Lc 15, 11-13).

Os cuidados paternos muitas vezes são mal interpretados, vistos pelos filhos como falta de liberdade, fato que levou o filho mais novo a querer seus bens e partir para terra distante, não reconhecendo nenhuma obrigação para com o seu pai. Exigindo receber antecipadamente a herança que só teria direito após a morte de seu progenitor. Pensando ser senhor de si, em viver a alegria e prazer momentâneos, gasta seus bens como acredita ser melhor. Está livre, não tem ninguém para orientá-lo e nem o quer. Falsos amigos o ajudam a desperdiçar e perder tudo o que havia herdado.

Depois de ter esbanjado tudo, sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar penúria (Lc 15,14).

Após gastar toda sua herança com festas e mulheres, ele se vê miseravelmente pobre, os amigos que o rodeavam nos seus dias abundantes, que comiam e bebiam a sua custa o abandonam e, para sobreviver, ele pede emprego a um cidadão do país, que o mandou ao campo para alimentar os porcos, diante da fome ele se submeteu a comer das bolotas que teria que dar aos animais, no entanto, até mesmo isso lhe era negado.

Entrou então em si e refletiu: Quantos empregados há na casa de meu pai que tem pão em abundância ... e eu, aqui, estou a morrer e fome! Levantar-me-ei e irei a meu pai, e dir-lhe-ei: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado de teu filho. Trata-me como um de teus empregados (Lc 15, 17-19).

Tendo apenas os porcos como companheiros, ali sentado no chão percebe a que se reduziu a sua alegria e liberdade: a um faminto, sem dinheiro, humilhado, seus sentimentos mais nobres aparentemente desvaídos. Neste momento seus pensamentos o levam a reconhecer que perdeu o seu direito de filho.

Lembrando-se da casa de seu pai em que os empregados tinham mesa farta, seu estado de pobreza o faz refletir sobre sua condição e a tomar a decisão de voltar à casa paterna, redimir-se e ser um empregado na casa de seu pai, pois acreditava ser indigno de ser chamado filho. É importante ater-se para o fato de que o filho perdeu seus bens materiais devido à promiscuidade, pecado e que foi através da difícil situação de pobreza a que se submetera que o levou à reflexão, levando-o a compreender o sentido da dignidade perdida, pois como empregado na casa de seu próprio pai seria tomado pelo sentimento de rebaixamento e vergonha, mas diante das circunstâncias decide procurá-lo e arcar com tais dificuldades.

Levantou-se, pois, e foi ter com seu pai. Estava ainda longe, quando seu pai o viu e, movido de compaixão,, correu-lhe ao encontro, e lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. O filho lhe disse então: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado seu filho. Mas o pai falou aos servos: Trazei-me depressa a melhor veste e vesti-lha, e ponde-lhe um anel no dedo e calçado nos pés. Trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e façamos uma festa. Então este meu filho estava morto, e foi achado. E começaram a festa (Lc 15, 20-24).

O pai ao ver o filho pródigo corre ao seu encontro, o abraça, beija, demonstrando grande alegria por tê-lo de volta ao lar. O pai não o condena, nem o

despreza, ao contrário, demonstra seu amor infinito que supera tudo. Para o pai o importante é que o filho está salvo e de volta ao lar. O filho nem tem a oportunidade de lhe pedir para ser tratado como empregado. O pai o trata como um filho que deve ser reverenciado com o melhor que a casa pode ofertar, ser servido e respeitado pelos funcionários da casa.

O amor do pai transcende e apaga toda a tristeza e decepção sentida quando da partida do filho, pois seu amor é misericordioso e leal ao filho. Tal lealdade é manifestada na alegria ao recebê-lo. No entanto, tal comportamento deixa o filho mais velho indignado.

Encolerizou-se ele e não queria entrar, mas seu pai saiu e insistiu com ele. Ele, então, respondeu ao pai: Há tantos anos que te sirvo, sem jamais transgredir ordem alguma tua, e nunca me deste um cabrito para festejar com os meus amigos. E agora, que voltou este teu filho, que gastou os teus bens com as meretrizes, logo lhe mandaste matar um novilho gordo! (Lc 15, 28-30)

Ao relatar o comportamento do filho mais velho Jesus quis demonstrar o orgulho dos fariseus e mestres da lei que acreditavam que os pecadores não mereciam o perdão e muito menos serem recebidos no reino de Deus. No entanto, estavam em situação pior do que os cobradores de impostos e os sujeitos de fama duvidosa, pois estes últimos sabiam serem pecadores, enquanto os fariseus acreditavam ser justos, sem pecado.

Na visão de João Paulo II, o filho mais moço representa todo homem que cai em pecado “indiretamente a parábola estende-se a todas as rupturas da aliança de amor” (DM, p.10). Após gastar toda sua herança o jovem começou a passar por infortúnios como a fome, para saciá-la se dispõe a alimentar da comida dos porcos que ele cuidava, mas até isso lhe era negado.

Encontrando-se miseravelmente pobre e faminto ele se lembra da casa paterna, onde até os funcionários tem alimentação em abundância. Neste momento percebe que além de perder toda a sua fortuna, perdera o que de mais importante tinha que era a dignidade de filho na casa de seu pai, começando assim a conscientizar-se da condição de filho pródigo.

Ao chegar à casa do pai iria solicitar que o mesmo o aceitasse não como filho, mas com empregado, pois já não era digno de ser tratado como filho, aceitando passar pela humilhação e vergonha, afinal tivera tudo, era rico e após sair da casa do pai, gastar toda sua fortuna com mulheres, bebidas, drogas ele volta

para a casa paterna em situação de total miséria, sabendo que a dignidade, fruto da relação pai/filho, esvaiu-se.

João Paulo II, explica que o justo seria que o jovem ao retornar à casa paterna trabalhasse como empregado e fosse aos poucos recuperando sua dignidade e conquistando alguns bens materiais. Deve-se considerar a ofensa e mágoa que o jovem provocara em seu pai, quando pediu sua parte da herança e sumiu no mundo, gastando a esmo, mas através de sua consciência ele percebe todas as regras que infringiu, fato que o leva a pensar em pedir ao pai que o trate como empregado.

Para São João Paulo II o modo como o pai agiu recebendo seu filho com grande alegria, permanecendo fiel à sua condição de pai e, que chega a festejar o retorno de seu filho amado, demonstrando grande afeto constitui um ato de misericórdia.

Tal reação do pai se dá diante do fato de compreender que, o que foi salvo é “o bem da vida de seu filho” (DM, p. 12), ou seja, sua vida está salva. Fatos evidenciados nas palavras do pai com o filho mais velho que se indigna com o modo como o pai recebeu o filho mais jovem “Mas era preciso fazer esta festa para mostrar a nossa alegria. Pois este seu irmão estava morto e viveu de novo; estava perdido e foi achado” (Lc 15, 32).

Diante de tal comportamento do pai o filho pródigo se sente regozijado, revalorizado e perdoado. Em nenhum momento o pai lhe cobra satisfações, ou reclama das ações do filho. As ações do pai faz com que o filho perceba que o passado está perdoado e apagado para sempre. E assim fala Deus ao pecador: “Desfaço as tuas transgressões como a névoa, e os teus pecados, como a nuvem.” (Is 44:22). “Porque perdorei a sua maldade e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados” (Jr 31,34).

O pai o acolhe com alegria e amor, sem cobranças. Através desta parábola Cristo apresenta a misericórdia, o amor infinito e límpido de Deus por todos os seus filhos em pecado. No entanto, o amor infinito de Deus exige responsabilidade, o homem não pode se portar como uma criança que comete erros, pede desculpa, mas em seguida continua a praticá-los.

A misericórdia é infinita, pois independe do tamanho ou da quantidade ou ainda, do tipo de pecados que a pessoa comete, mas na qualidade de seu arrependimento. A misericórdia e a justiça caminham lado a lado, não destoam.

Feliz a alma que confiou na Vossa bondade. E submeteu-se inteiramente à Vossa Misericórdia! Essa alma está repleta da paz, do amor, em toda parte eu a defenderei como Minha filha. Ó alma, quem quer que sejas no mundo, ainda que seus pecados sejam negros como a noite não temas a Deus, tu frágil criança, porque grande é Minha misericórdia (lr. FAUSTINA *apud* MELO, 2012, p. 1).

A misericórdia de Deus não comporta a entrega parcial, o medo e o orgulho. Tratar da misericórdia é algo extremamente profundo, no entanto, compreende prazer e desejo de estar em comunhão com Ele. Para isso é necessário encontrar os meios capazes de nos levar a viver a misericórdia.

3. OS CAMINHOS PARA SE VIVER A MISERICÓRDIA DE DEUS SEGUNDO *DIVES IN MISERICÓRDIA*

A misericórdia consiste no amor que supera todo mal, sendo ela infinita. O homem ao buscar a misericórdia deve ter uma vida baseada em boas ações, amor ao próximo, no dar sem pedir nada em troca, bem como na conversão e na penitência.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica para ser misericordioso é necessário realizar obras de misericórdia que consistem em ações beneficentes em prol do auxílio ao nosso próximo, de modo a suprir suas necessidades corporais e espirituais. As obras da misericórdia podem ser espirituais ou corporais. As espirituais compreendem o ato de aconselhar, alentar, confortar, perdoar e ser paciente. As obras de misericórdia corporais nos foram orientadas por nosso Senhor Jesus Cristo em Mateus (25, 35-36): “Porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim”. Sendo assim, consiste em dar de comer a quem tem fome, abrigar quem não tem onde morar, vestir quem está nu, visitar doentes e presos e enterrar os mortos.

São João Paulo II apresenta em *Dives in Misericórdia* os meios para se obter a misericórdia que consistem em ser misericordioso, aprofundar no mistério pascoal, crer em Cristo crucificado, cultivo do respeito à moral, à vida e aos compromissos indissolúveis, participação no sacramento da Eucaristia e da Penitência e por fim, mas não menos importante a conversão.

3.1 SEDE MISERICORDIOSO

São João Paulo II aponta Jesus Cristo como mestre da misericórdia, pois Ele é um exemplo do amor misericordioso para com o próximo. Através de suas ações Cristo faz um apelo para que sejamos misericordiosos, pois esta é a condição primordial para termos a misericórdia do Pai. Cristo ao revelá-la exigia que deixássemos nos guiar pelo amor e misericórdia.

Cristo foi misericordioso e mostrou com suas ações, sua vida e suas palavras como o homem deve portar-se para receber do pai a misericórdia. Cristo

era humilde, não jugava e nem condenava. Ele acolhia, amava, perdoava, socorria os mais necessitados, orientava para que tivessem fé e não voltassem a pecar. Hoje, na era contemporânea, Ele continua a nos dar o exemplo de ser misericordioso através da sua pregação e que é também dependente da misericórdia, como pode ser percebido no Mistério Pascal.

3.2 APROFUNDAR NO MISTÉRIO PASCAL

Este segundo requisito nos é válido para externar a realidade da misericórdia. A humanidade deve se aprofundar neste evento, pois a Redenção permitirá desvendar com profundidade o amor do pai, que é capaz de sacrificar o próprio filho em prol de sua misericórdia pela humanidade.

A misericórdia divina é uma faculdade que a Igreja recebe de Cristo Ressuscitado e a aprecia na vida e na missa católica. O amor infinito do Pai na pessoa do seu Filho é glorificado profundamente no tempo pascal. Sendo este considerado o mistério da misericórdia divina em pessoa.

Neste aprofundamento deve-se dar atenção especial à Sexta-Feira Santa, pois Cristo que era misericordioso passa a necessitar da misericórdia. Diante das atrocidades vividas por Ele, se faz merecedor da misericórdia dos homens. E numa demonstração subumana de amor, no momento do suplício, Ele cura os homens através de suas chagas (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2001). Segundo João Paulo II (MD, 2001) a Redenção é a plenitude da justiça e do amor, pois Cristo morreu na cruz para salvar a humanidade.

Neste mistério Cristo nos ensina a ter fé, a acreditar que Ele ressuscitou e que devemos seguir executando as suas obras: “Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós [...] Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20, 21-23). Cristo incumbiu-nos de pronunciar a todos o amor misericordioso do Pai.

No entanto, toda a vida de Cristo é um mistério. Aprofundar no mistério pascal consiste em perscrutar a vida inteira de Cristo, pois durante toda ela Ele nos apresenta a vida em Deus, nos faz sabedor da existência divina e nos salva do poderio das trevas. Assim a humanidade deve se aprofundar no mistério pascal que

inclui desde a concepção de Jesus no ventre de Maria até a sua Ascensão aos céus, indo de encontro ao Pai (FINELON, 2013).

Para isso, no entanto, é preciso ter fé em Cristo crucificado que sendo misericordioso, torna-se necessitado da misericórdia dos homens e de Deus.

3.3 CRER NO CRUCIFICADO

Ao se crer em Cristo, crê-se no amor que é mais poderoso que todo e qualquer mal. Deus pede ao ser humano para trabalhar a misericórdia com Cristo.

A paixão, morte e ressurreição d'Ele deve permear a mente humana, como Aquele que experimentou a misericórdia do Pai ao vencer a própria morte. Cristo ao ser crucificado deu a maior prova do amor de Deus pela humanidade. Assim, deve-se arrepender dos pecados e confiar em Cristo salvador.

Na contemplação da Paixão fazemos memória comovida de Jesus, e ao 'fazer memória' confessamos que Ele está vivo, revivemos Sua vida, O ressuscitamos na vida. Não buscamos argumentos lógicos e dogmáticos, mas sinais de vida em toda Sua vida e também em Sua morte. Descobrimos, como afirma a teóloga Mercedes Navarro, que 'Jesus morreu de vida': de bondade e de esperança lúcida, de solidariedade alegre, de compaixão ousada, de liberdade arriscada, de proximidade curadora (PALAORO, 2014, p. 2)

Ao se crer no Cristo crucificado, o homem se redime de seus pecados e passa a ter na alma a fé necessária para se tornar misericordioso, pois acreditar em Cristo é viver como cristão, segui-Lo de modo concreto, usufruindo e colocando em prática os seus ensinamentos segundo o evangelho de Jesus. "[...] que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor" (Ef 3,17).

O pe. Manuel Hurtado (2008) afirma que para o homem encontrar com Jesus é preciso fazer os caminhos de volta a Ele, isso se faz percorrendo lugares/momentos fundamentais em Sua vida.

Se voltarmos aos caminhos de Jesus, é para reconhecê-lo neles. Se transitarmos pelos caminhos da comunidade cristã nascida depois da Páscoa, é para tentarmos percorrer, ao mesmo tempo, os caminhos de nossa própria comunidade de fé, isto é, revitalizar a nossa fé em Jesus, confessado como o Cristo. É para sermos cristãos ao estilo de Jesus Cristo, autor e realizador de nossa fé (HURTADO, 2008, p. 1).

Para se viver a misericórdia é preciso recordar a vida de Cristo, mantendo os olhos em Sua crucificação e ressurreição. Crer em Cristo crucificado é crer em Deus pai e no seu amor infinito, como também crer no estilo de Jesus e que Ele está vivo.

Crer só é possível no coração da tensão entre passado e futuro. Crer como cristão é crer inclinado ao futuro que nos vem de Jesus, dizendo: 'Vem, Senhor Jesus!' (Ap 22,20). Crer em Jesus Cristo é fazer caminho com ele. Fazer caminho com aquele que inicia e realiza nossa fé. E fazer memória de Jesus Cristo implica caminhar 'com os olhos fixos naquele que é o autor e realizador da fé, Jesus' (Hb 12,2). Acreditar em Jesus Cristo hoje é uma forma de ser homem ou mulher ao estilo de Jesus, segundo as exigências do evangelho de Jesus Cristo (HURTADO, 2008, p. 2).

Crer no crucificado exige compromisso e fé, não é algo superficial, nem fácil. É tarefa árdua e que deve ser trabalhada, dia após dia, para que nunca se esvaeça.

3.4 SACRAMENTO DA EUCARISTIA

Para receber a eucaristia a pessoa precisa, antes, participar de encontros catequéticos, onde se aprende sobre Deus, a Bíblia e Cristo são encontros geralmente realizados a partir dos sete anos de idade, estando assim, preparado para a primeira comunhão, que é quando se recebe a hóstia transformada no corpo de Cristo.

A eucarística é a recordação do momento em que Jesus, na presença de seus apóstolos, repartiu o pão e o vinho. Ou seja, a hóstia consiste no corpo de Cristo oferecido à humanidade na cruz e o vinho é seu sangue derramado em prol do perdão dos pecados de cada pessoa. A transformação do pão e do vinho em corpo e sangue de Cristo ocorre durante a eucaristia.

Deste modo, a celebração Eucarística é realizada em memória da vida, morte e ressurreição de Cristo. Ela reafirma o inesgotável amor, pois através da ação eucarística Ele se une ao homem e, em cada sacramento, vem em busca dos corações humanos, na tentativa de salvá-los (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2001).

A Eucaristia possui cinco grandezas: a ação de graças ao Pai, pela criação, redenção e a santificação; o memorial ao sacrifício de Cristo e de seu Corpo, que é representado pela oferta dos sofrimentos, do louvor, da oração e do trabalho dos

homens, unindo o sacrifício do homem ao de Cristo e; a presença de Cristo em corpo e sangue. O Concílio de Trento afirma:

Pela consagração do pão e do vinho opera-se a mudança de toda a substância do pão na substância do Corpo de Cristo Nosso Senhor e de toda a substância do vinho na substância do seu Sangue; esta mudança, a Igreja católica denominou-a com acerto e exatidão transubstanciação (FINELLON, 2015, p. 2).

A Eucaristia é também banquete pascal, pois é a memória da salvação de Cristo; a comunhão do homem com Ele hoje; e a prova da glória vindoura, ela apresenta a entrada do homem no Reino de Deus.

Participar da Eucaristia reforça a união entre homem e Cristo, pois “quem come de sua carne e bebe de seu Sangue permanece n’Ele” (Jo 6,56); desliga o homem do pecado, o mantendo forte na batalha contra o mal; ao comungar o Corpo de Cristo, amplia-se a comunhão com Ele e com os demais fiéis, pois a Eucaristia torna o homem num só corpo com Cristo; consumação da comunhão entre todos os cristãos, pois todos estão unidos a um mesmo Cristo e; através da Eucaristia os fiéis de comprometem com os famintos e sofredores (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2001).

Deste modo, fica claro que não é possível ser misericordioso e ter misericórdia sem que participe de fato deste Sacramento Eucarístico, bem como do Sacramento da Penitência.

3.5 SACRAMENTO DA PENITÊNCIA

O sacramento da penitência também chamado de sacramento da conversão, da confissão, da reconciliação. Este sacramento concede o perdão dos pecados. O pecado é uma ofensa direta a Deus, à dignidade de filho de Deus e à Igreja. Sendo considerado um mal gravíssimo e suas consequências pode atingir desde o próprio pecador como também o mundo (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2001).

Com a remissão do pecado, ou seja, com o arrependimento íntimo e o desejo de se reaproximar de Deus tem diminuído o percurso entre o homem e a misericórdia divina.

É altamente recomendável que o católico faça uma confissão de vida inteira, principalmente se ficou afastado da vida da fé; tal confissão tem um enorme poder de libertação (ROBERTO, 2011, p. 135).

O convertimento a Deus implica no encontro com sua misericórdia, ou seja, no amor fiel de Deus para com seus filhos. A conversão e o retorno do filho junto ao pai, assim como na parábola do filho pródigo, em que o filho mais novo diante da ilusão de liberdade, pega a parte de sua herança e parte sem sentir nenhuma responsabilidade para com o pai. Após gastar toda sua fortuna, ele se depara com a pobreza e a humilhação de ter que cuidar de porcos e precisar comer das bolotas que os alimentava, para saciar sua própria fome. Tais dificuldades o levam a pensar, arrepender-se e retornar à casa paterna com o intuito de pedir o perdão (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2001).

Na casa paterna é recebido com alegria e festa simbolizando uma nova vida, pura e digna que é a vida do homem que volta para Deus. A misericórdia é traduzida pelo amor que perdoa, abraça, beija e comemora.

A penitência está presente em gestos de reconciliação, como o zelo pelos pobres, o exercício e a defesa da justiça e do direito, pela confissão dos pecados, reanálise de sua vida, a conscientização de suas falhas, a conversão do coração e o caminhar, alegre, com Jesus e para Jesus. “Convertei-nos, Senhor, e seremos convertidos” (Lm 5, 21). Os pecados serão perdoados mediante ato sincero de arrependimento, piedade e conversão à Deus (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2001).

São João Paulo II em *Dives in Misericórdia* (2001, p. 43) afirma que “Deus-Pai é absolutamente fiel ao seu eterno amor para com o homem” e lhe deu seu próprio filho para que o homem tenha vida eterna.

Acreditar no amor equivale a acreditar na misericórdia, amor que não se declina nem mesmo frente ao grande sacrifício de seu Filho em prol de agradar a lealdade do Criador e Pai para com os homens.

A questão da misericórdia é uma questão de coração que, porém, não deveria ser confundida com sentimentalismo. O coração é, para a Bíblia, a sede do pensamento, das decisões mais íntimas. Por isso, ter compaixão ou misericórdia equivale a um movimento interior das vísceras que do íntimo nos levam a aproximar-nos do outro (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, 2016, p. 17).

O homem obtém a misericórdia quando se transforma interiormente em prol do amor ao próximo. No entanto, tem que ter a humildade de saber que Cristo a aceita como se fosse praticada para com Ele e que toda a ação da pessoa em favor

da misericórdia deve ser entendida como um ato de amor só quando quem a praticar estiver convicto de que a está recebendo de volta.

O amor é mais potente que o erro, prova máxima dessa afirmativa é o perdão de Deus que perdoa o homem e do homem que perdoa a outro. Assim como na parábola do filho pródigo o perdão proporciona dignidade tanto ao pai, quanto ao filho, sendo motivo de grande alegria. O amor de Deus está presente, somente em quem exerce a misericórdia. A misericórdia para com o próximo é a chave para o reino de Deus e para uma vida plena.

Deste modo, para se viver a misericórdia, segundo São João Paulo II em *Dives in Misericordia*, são necessárias algumas práticas que tem como essência o reconhecimento de que Cristo é a verdade, a vida e o caminho. Ele é o criador do grande sulco do perdão no seu mais elevado grau. Deve ser conhecido, seguido, imitado e feito consciência própria dentro do homem, ou seja, a humanidade deve abrir a Cristo as portas do seu coração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A misericórdia de Deus é expressa no mundo desde a criação, quando Ele criou o homem a sua imagem e semelhança e os colocou acima de todas as coisas para desfrutar de seus benefícios.

O primeiro efeito da misericórdia para o homem é a graça de se reconhecer filho de Deus, no entanto, o filho depende a misericórdia do pai para caminhar em comunhão com Ele, reconhecendo-se necessitado do seu amor e do perdão para gozar do teu favor.

São Joao Paulo II em sua encíclica *Dives in Misericordia*, apresenta alguns passos que são necessários percorrer, como demonstra Jesus na parábola do filho pródigo, que se arrepende profundamente e retorna à casa paterna, disposto a submeter-se a humilhação de ser seu empregado, pois não se considera digno de ser tratado como filho. O arrependimento verdadeiro e intrínseco das falhas do homem perante a Deus faz com que Este tenha misericórdia deste sujeito. Sendo o arrependimento o primeiro passo para ser ter a misericórdia. O segundo é ter misericórdia para com o outro.

Em seguida São João Paulo II apresenta os outros passos para se viver em misericórdia: participar e vivenciar profundamente o mistério pascal; crer em Cristo crucificado; envolver-se intimamente com o sacramento eucarístico percebendo e experimentando a ação de graças ao Pai e lembrando o sacrifício de Cristo ao ser pregado na cruz; na união do sacrifício do homem ao de Cristo e na presença Dele em Corpo e Sangue.

Esse é o caminho traçado pelo Santo papa João Paulo II em *Dives in Misericordia* para se alcançar a graça da misericórdia divina. É possível perceber que o Santo Papa experimentou a misericórdia divina quando ainda jovem quando frequentava da Igreja das Irmãs da Divina Misericórdia, depois como cardeal ao analisar o processo de beatificação de Irmã Faustina, momento em que se deparou com um acervo de encontros entre ela e Cristo. Neste acervo consta que Cristo a orientava quando à misericórdia divina e na sua importância em ser revelada à humanidade.

Estando assim, repleto de misericórdia, São João Paulo II passou sua vida em transmiti-la, demonstrá-la e vivê-la em sua plenitude, pois tinha a convicção de que ela purifica a alma dos vícios, enche o coração de amor e o faz transbordar em

paz. Itens infinitamente importantes para o momento em que a humanidade está passando, repleto de violências de todas as espécies, individualismos, fome, sede dentre outros. Somente ter-se-á a paz quando o homem confiar e voltar-se para a Misericórdia de Deus.

É urgente que se faça presente a paz no mundo e o Santo Papa sabedor dessa iminente necessidade passou sua vida a demonstrar para a humanidade os caminhos que a levaria à misericórdia. Em sua encíclica *Dives in Misericordia* ele retrata que para se ter a misericórdia é preciso ser misericordioso para com Cristo e para com o próximo, crer em Cristo crucificado, acreditar e viver o Mistério Pascal, bem como, os sacramentos da Eucaristia e da Penitência.

Deste modo, pode-se perceber que são preceitos que devem ser o foco da existência humana, pois somente assim, o homem terá paz e viverá em abundância, conforme prometido por Nosso Senhor Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA, Ave Maria. 116º ed. São Paulo: Claretiana, 1998.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9 ed. São Paulo, 2001. Loyola.

CONSELHO Pontifício para a promoção da nova evangelização. *As parábolas da misericórdia*. São Paulo. Paulus, 2016

FINELON, Pe VITOR GINO. *O sacramento da eucaristia*. 2013. Disponível em: <<http://arqrio.org/formacao/detalhes/177/o-sacramento-da-eucaristia>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

_____. *O Mistério Pascal*. 2013. Disponível em: <<http://www.materecclesiae.com.br/o-misterio-pascal-2/>> Acesso em 05 de novembro de 2017.

HURTADO, Pe. Manuel. *Crer em Jesus Cristo hoje*. 2008. Disponível em: <http://www.vidapastoral.com.br/ano/2012/crer-em-jesus-cristo-hoje/>. Acesso em 05 de novembro de 2017.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*, n. 12. 1979. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_0403_1979_redemptor-hominis.html>. Acesso em março de 2017.

_____. *Carta Encíclica Dives in Misericórdia*. 6ª ed. São Paulo, Paulinas. 2001.

_____. *Dedicação do santuário da misericórdia divina*. Homilia do Santo Padre. 2002. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/travels/2002/travels/documents/trav_poland-2002.html>. Acesso em 15 de setembro de 2017.

KOWALSKA, Maria Faustina. *Diário A divina misericórdia em minha alma*. 2001. Disponível em: <http://www.salverainha.com.br/downloads/Diario_de_Santa_Faustina-portugues.pdf>. Acesso em 3 de setembro de 2017.

MAÇANEIRO, Pe. Marcial. *Compaixão, misericórdia e ternura: a 'poética' do evangelho*. 2008. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos/2015/?pg=noticias&cod_canal=29&cod_noticia=9674>. Acesso em: 20 de agosto de 2015

MELO, Pe Fábio. *Grande é o poder da misericórdia divina*. 2012. Disponível em: <<https://eventos.cancaonova.com/pregacoes/grande-e-o-poder-da-misericordia-divina-2/>>. Acesso em 02 de setembro de 2017

NEOTTI, Frei Clarêncio. *A misericórdia nos sermões de Santo Antônio*. 2017. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=110185>>. Acesso em 16 de setembro de 2017.

PALAORO, Pe. Adroaldo. *Que vemos ao olhar a Cruz?*. 2014. Disponível em: <<http://www.catequesehoje.org.br/index.php/raizes/espiritualidade/686-que-vemos-ao-olhar-a-cruz>>. Acesso em 04 de novembro de 2017.

RICARDO, Pe Paulo. *A divina misericórdia*. 2017. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/episodios/a-divina-misericordia>>. Acesso em: 08 de setembro de 2017.

ROBERTO, Pe Silvio R. *Libertos pela misericórdia de Deus*. 3ª ed. Curitiba, 2011. Mãe da Misericórdia.